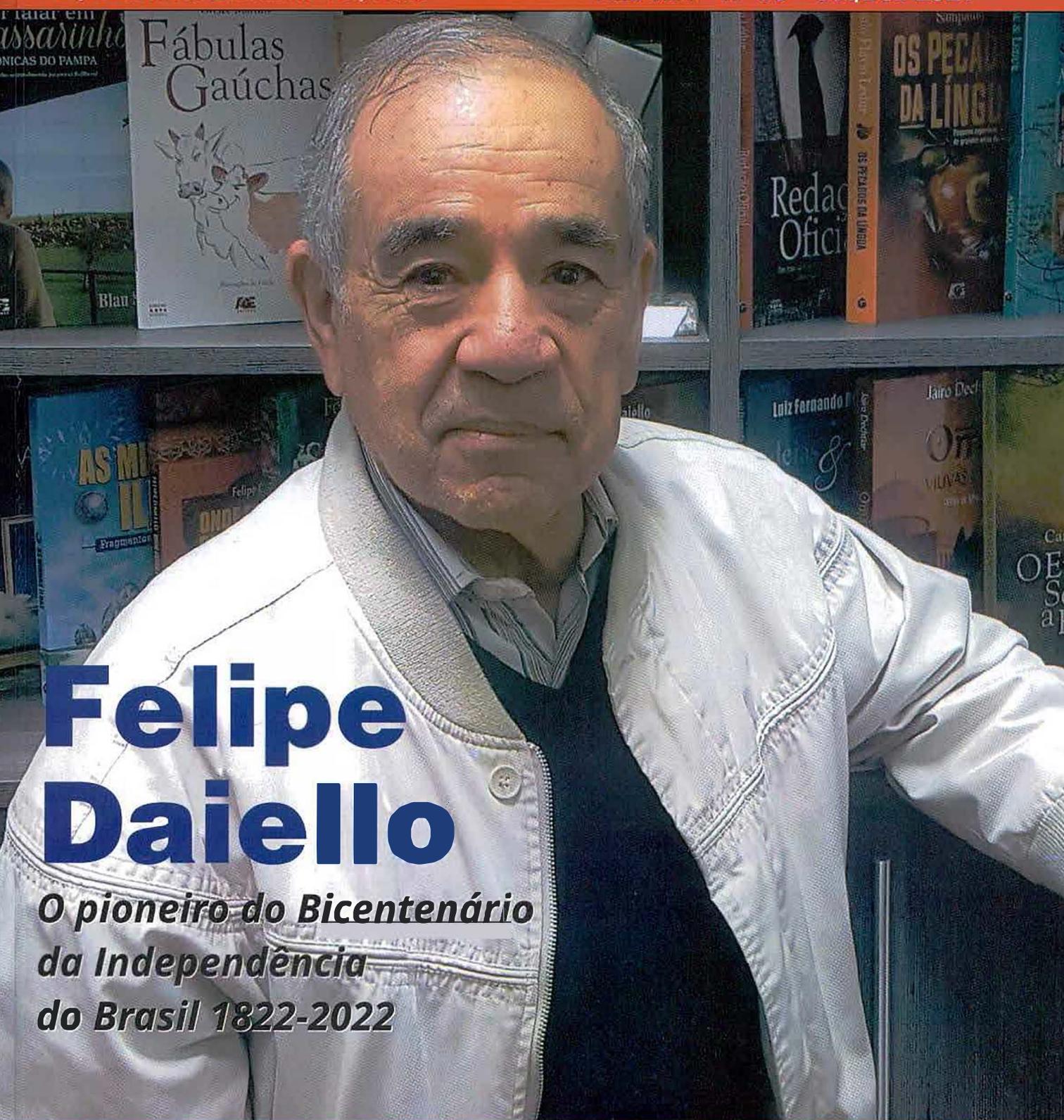


CAOSótica

EDIÇÃO AUTOR LUSOBRASILEIRO - EDIÇÃO ALB

Ano XVI - Nº 58 - Set/Dez 2021



Felipe Daiello

*O pioneiro do Bicentenário
da Independência
do Brasil 1822-2022*

**Revista quadrimestral de Leitura - Artes - Ciências
Um NOVO olhar sobre a realidade em que vivemos!**



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

A GERAÇÃO DE 45 TRÊS PAULISTAS

Convidado pelo eminente escritor, Felipe Daiello para escrever em sua Revista, decidi lembrar o Movimento Literário de que participo e a que Carlos Nejar dá especial destaque em sua monumental *História da Literatura Brasileira*, que é a geração de 45.

Presidi em 1995/1996 o Clube de Poesia de São Paulo fundado por Cassiano Ricardo em 1948, a partir da escola denominada "Geração de 45". Na ocasião, comemorei o Jubileu do Movimento, organizando uma exposição dos 50 anos de poesia pós-geração, que resultou em excelente pequeno livro elaborado por Emilie Chamie, curadora da exposição. Publicamos também uma Antologia poética pelos 50 anos, com 50 poemas de 50 poetas da geração.

Em 2005/2006, sob minha presidência, a Academia Paulista de Letras editou o livro "*Cultura Paulista*" (Editora Imprensa Oficial, 2006), em que dedicou-se, também, relevante estudo ao movimento. Decidi, relembando velhos escritos, falar sobre 3 dos poetas que deram início ao movimento.

Pierre Francastel, ao falar sobre a História da Pintura Francesa Idade Média até o século XX, melancolicamente, em 1955, escreveu: "Par conséquent, cet ouvrage possède bien son unité, se proposant de retracer, dans les limites de France, le développement d'une forme déterminée de la peinture dont le déclin sinon la mort est en tout cas certain" ("*Historie de la Peinture Française*", Ed. Elsevier S/A., Paris, vol. 1 p. VIII). Trinta anos depois, Charles Jencks contestava o prognóstico de Francastel, ao verificar o vigor do movimento Pós-Modernista, nestas palavras: "Like the modernists before them they are sometimes divided over essential issues: whether their activities and programmes represent a fundamental break with the recent past and a negation of modernism, or alternatively, a reweaving of this tradition with strands of western humanism. This book argues the second position" ("*Post-Modernism*", Rizzoli, New York, 1987, pg. 7).

Embora se dedicassem, os referidos autores, a pesquisar mais a pintura que outras manifestações artísticas, à evidência, exteriorizavam sua particular visão sobre essa tendência inata do homem na

busca de valores permanentes e, entre eles, o valor da beleza, a que Sócrates, pela pena de Platão, se referia como "oferenda dos deuses".

O que cabe, todavia, realçar, nas duas manifestações, é a aguda observação de Jencks, ao dizer que a reação contra o modernismo não foi apenas uma reação negativa, mas, ao contrário, uma reação positiva de redescoberta dos verdadeiros valores da civilização ocidental. Em outras palavras, Jencks ensina que os valores permanentes podem sofrer impactos de movimentos autênticos e insurrecionais, mas aquilo que é permanente sempre volta com coloração nova, com densidade superior, sem perder o viço, a formosura, a exuberância que o passado lhe empresta.

Recorde-se a afirmação de René Cassin de que os direitos fundamentais do homem não existem apenas porque a história os foi selecionando e, a partir de sua repetição pôr ordenamentos jurídicos, ganharam foros de perpetuidade, mas porque são eles inerentes ao ser humano. Não é a visão historicista-axiológica que os justifica, porém a sua própria inerência à condição humana, razão pela qual os homens não os criam, mas apenas os reconhecem. O que quis dizer o grande jusfilósofo é que há valores inerentes ao ser humano que têm perpetuidade, não por força de um fenômeno repetitivo, mas porque penetram e concernem a sua própria estrutura.

O direito à vida não é um direito que o Estado cria. É um direito, que lhe pertence, por ter nascido homem, cabendo ao Estado apenas criar os mecanismos para respeitá-lo. Este poder de legislar, porém, não altera a inerência que pertence à essencialidade desse máximo direito natural.

É que aquilo que está de acordo com a natureza das coisas é permanente. E o que a contraria, por mais brilho que tenha, o brilho é fugaz e desaparece. Com maior ou menor velocidade, mas desaparece.

Tais considerações preambulares faço-as para falar sobre o movimento de 1945, cujas raízes fincadas estão nos permanentes valores da civilização ocidental e cuja perenidade decorre dessa opção pela conformação de liberdade, reconstrução peculiar à



época, exteriorizada em rigorosa veiculação formal, abandonada a tentação de soluções fáceis, que na incompreensão e na originalidade encontram sua única e efetiva realização.

O Movimento de 1945, ao contrário de determinadas correntes modernistas, é um movimento de revalorização do permanente e por essa razão termina por influenciar toda uma plêiade de escritores de inquestionável envergadura.

A geração de 45, no campo da poesia, permite, pois, o restabelecimento desses valores indestrutíveis veiculados em forma vernacular irrepreensível. A poesia é, por excelência, a expressão verbal de exaltação da sensibilidade artística do ser humano. A prosa, nas mais variadas formas pode - e deve ser - mais ampla e mais abrangente, porém nunca atingirá o nível de desvinculação da realidade diuturna para os espaços sem fronteiras da sensibilidade interior. Nenhum cavaleiro pode ser mais veloz que seu corcel. Nenhum poeta pode ser mais sensível que a sua própria capacidade de expressão. Por isto, a poesia apenas ganha dimensão de permanência, na medida em que é veiculada por imagens, que não se desgastam no tempo, nem desaparecem nos modismos dos fogos fútuos, cuja breve explosão é logo esquecida. O tempo tem demonstrado que a procura de valores permanentes é aquela procura que não morre. A poesia clássica é sempre moderna em sua adequação à época, diferentemente da poesia antiga, que só é moderna no curto período histórico em que foi produzida. Ptolomeu é um cientista antigo, porque acreditava ser a terra o centro do universo, embora sua teoria fosse considerada moderníssima à época. Copérnico é um cientista clássico, pois o tempo não desfigurou sua teoria heliocêntrica.

A geração de 1945 representa exatamente esta presença do clássico no moderno, do eterno no atual, do perpétuo no cotidiano. As suas três facetas (a de feição greco-romana, a intelectualizada e a lírica-nacional) rompem, na pureza do vernáculo, a estrutura de um modernismo superado.

E é neste contexto que a relevância do movimento ganha "definições definitivas". Atinge píncaros desconhecidos. Afasta o falso brilho de imitação dos "ismos" europeus para revalorizar, dar novo sentido à arte poética, à luz de um rigoroso domínio das formas clássicas, da veiculação metrificada ou melodicamente livre, sem temer as preconceituosas críticas dos que eram efetivamente modernos ou daqueles que, à falta de maior talento, na distorcida exteriorização de uma arte sem parâmetros,

encontravam seu caminho natural, pela impossibilidade de assumir outros.

É este, indiscutivelmente, o mérito superior do Movimento de 1945, posto que reconduz a grandiosidade do rio artístico a seu leito natural, não permitindo que a enchente continuasse a flagelar a terra já semeada de suas margens, provocando insuspeitados desastres nos leitores desavisados.

Não me deterei a falar mais sobre 45. Nem mesmo sobre seus poetas, visto que Bueno da Rivera, João Cabral de Melo Neto, Domingos Carvalho da Silva, Lêdo Ivo, Geraldo Vidigal, Antônio Rangel Bandeira, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Darcy Damasceno, Marcos Konder Reis, José Paulo Moreira da Fonseca, Afrânio Zuccolotto, Afonso Félix de Souza, Cyro Pimentel, Geir Campos, Thiago de Mello, Mauro Mota, José Santiago Naud, Fernando Ferreira de Loanda, Maria da Saudade Cortesão, Octávio Mora, Homero Homem e José Paulo Paes, todos eles exerceram influência decisiva na conformação de sua perpetuidade. Deter-me-ei apenas a falar sobre 3 deles, embora pudesse exaltar cada um daqueles pioneiros, como, por exemplo, Cyro Pimentel em sua admirável "Paisagem Céltica". Destes 3, por outro lado, nada falarei a respeito de suas biografias, de seus valores humanos, culturais, artísticos, científicos, eis que são por demais conhecidos.

Examinarei, sim, alguns de seus poemas e, principalmente, a maneira como os senti, certo de que a realidade fenomênica da arte se estabelece fundamentalmente da relação estável que provoca entre o artista produtor de belezas e aquele que as recebe.

Falarei, portanto, dos aspectos sensoriais da obra de Péricles Eugênio, de Domingos Carvalho e de Geraldo Vidigal, três das grandes expressões do movimento, em face da impossibilidade de falar sobre todos, pelas próprias limitações de um singelo estudo.

Comove-me, nos 3 poetas que escolhi, sua insuperável capacidade de valorização do insuficiente. De assunção do corriqueiro para outorgar-lhe "status" de eternidade. De aformoseamento de fatos irrelevantes que passariam despercebidos ou se constituiriam em veloz momento de vida e esquecimento.

Péricles Eugênio da Silva Ramos, em "Epitáfio" escreve:

***As ondas nascem,
as ondas morrem,
num só minuto;***

**mas o pensamento
pode eternizá-las.**

**As rosas nascem,
as rosas morrem;
mas o pensamento
pode concebê-las imortais.**

**Por isso eu vos tirei do mar,
ó vagas!**

**Por isso eu vos tirei do lodo,
ó rosas!
Porém vos fiz etéreas, flamejantes,
para brilhar sobre a poeira em que
me tornarei.**

Preciso dizer mais sobre esta densa faculdade com que pereniza o instantâneo? O que eterniza o momento fugaz, senão a pensamento? O pintor, numa pintura, torna estática sua percepção do que pinta. Eterniza, mas não dinamiza o que vê. E não pode expressar o que vê além das próprias limitações das cores e do pincel. O poeta, não. Retrata, como o pintor, torna melódica a ideia como o compositor, mas dá o tom de fluência, de complemento final, por poder expor o que deseja expor. Nasceram as ondas, num só instante, as rosas morrem, o pensamento, todavia, eterniza umas, torna imortais as outras. E a origem está no mar, está no lodo. Vale a onda mais do que o mar, vale a rosa mais do que o lodo, pois na busca do poeta, restarão para sempre, mesmo depois de em poeira o poeta se transformar.

Há necessidade de dizer mais?

E em Rosa Extinta, Domingos Carvalho da Silva, retornando ao inesgotável tema das rosas, salmodia:

**Morreu a rosa. Era branca,
rubra, celeste ou grená?
Deixai-me ver o seu corpo,
quero a cor da rosa morta.**

**Tinha um aroma tão forte
como o insenso, como o oceano.
Seu perfume é espírito eterno,
sobrevive à rosa extinta.**

**Morreu a rosa. Era virgem,
amante do sol, do mar,
ou Canaã das abelhas**

em seus delírios de mel?

A indagação permanece. A eterna busca. A procura incessante. A caminhada infatigável do poeta em busca das repostas. A rosa. O eterno tema da rosa. A cor da rosa é importante. Por que de uma rosa morta procura o poeta a cor? Cor da pureza, cor branca. Cor da vida, cor da luta, cor vermelha. Cor de espaços iluminados, que é a cor celeste, azul do céu ou grená, cor da morte que tudo encerra e termina.

E o aroma, que já não se sente, porque o corpo da rosa é morto. O aroma apenas atinge a lembrança do poeta. E, na lembrança, o poeta valoriza o que não mais existe e torna eterno o perfume.

E a dúvida? Permanece sobre a rosa não possuída. A rosa mistério continuado. A rosa de todos os tempos. Ora virgem, ora ignóbil. Como era a rosa morta? Era pura ou decaída?

E a resposta ao mistério, Domingos a dá nestes versos de rara formosura:

**Rosa de estranho mistério
pulverizada ao infinito,
a morte sorveu o perfume
que a noite desfez no espaço.**

**Quero, no agudo momento
do meu regresso ao não-ser,
fundir meu sangue e tua cinza
no mesmo pó que alimenta
princesas, navios, fadas,
crenças, poemas cadafalsos:**

**no mesmo pó que liberta
para a suprema igualdade!**

O mistério nada vale. O poeta é um semeador de esperanças.

O poeta transcende a própria vida. O mistério da rosa importa. O que importa é a fusão da eternidade. O que importa é a transcendência do espaço, do tempo, da vida. O que importa é a igualdade final. O que foi já não importa. Se a rosa machucou, feriu, foi injusta. Se a rosa foi pura, delicada e formosa. Se fez o bem ou fez o mal. Pouco importa. O poeta nunca nada recebe. O poeta é um doador universal. E é esta doação que gera a igualdade do sofrimento.

E Geraldo Vidigal também cede ao encanto das flores e indaga, como Domingos e como Péricles,

sobre o sentido do canto, sobre o sentido da vida,
sobre o sentido do fim:

***Vês que teu sonho esmorece
E, em silêncio, te aniquilas.
Em torno, as águas tranquilas
Se fazem cascata em flor.
E, como se o torvelinho
Teu sorriso arrebatasse,
Morre o sol, em tua face
De girassol fascinado:***

***- Chegou tua vez, Maria,
De ver a morte do sol.***

Quem, na vida, já não sonhou estrelas e já não
foi rei do Universo? Quem, na vida, já não teve
sonhos como Dalmo Florence, que assim o
retratou?

***Maneco não era o tipo
Que se pode imaginar,
Pintou a lua de verde
Depois não sabia amar.***

ou não viveu como Carlos (meu pseudônimo de
adolescente):

***O Carlos foi um dos tipos
Que o Maneco conheceu,
Viveu a vida sonhando
Num sonho que não viveu.***

A alusão aos dois poetas (Carlos e Maneco),
amigos de Vidigal, que seguiram sua escola e
tiveram os mesmos ideais, as mesmas dúvidas e
os mesmos desencantos, é porque, melhor que
os dois, Geraldo conhece como os sonhos fe-
necem.

Os sonhos, todavia, quando morrem, eles
morrem para dentro. Eles morrem no coração. Eles
morrem à luz da indiferença das coisas, das
pessoas, da existência. O mundo pode estar até
mais acolhedor, quando os sonhos desaparecem.
As águas podem estar tranquilas e formarem
cascatas em flor, mas o sonho não mais existe. O
sonho dos impossíveis, quando o sonho se
esfumaça, quando o sonho morre por dentro, o poeta
se despedaça e não compreende o instante. E sofre
e compõe. E o sonho da mulher amada é o sonho
que mais machuca. Machuca quando aparece e fere
quando envelhece.

O sol que morre na face do girassol fascinado,
levado no torvelinho de um sorriso arrebatado. Assim

presente o poeta, que o tempo descompassou e,
quando o tempo descompassa, já não é tempo de
vida. Chegou o tempo da morte.

São 3 poemas simples. Tratando de coisas
simples. Falando de coisas simples, com toque de
permanência.

É a isto que chamo revalorização do insuficiente,
a volta às formas permanentes, por mais diversos
que sejam os fatos. Neste campo, o homem não
chega a ser tão original que não respeite momentos
de glória, nem seus momentos de inércia, através
das gerações e através da história.

O movimento de 1945 teve este mérito
extraordinário de voltar a transformar a poesia na
arte da sementeira, na transcendência da essência,
no retorno ao jardim de idéias, sendo o poeta o
supremo jardineiro.

Nem por isto os temas da fantasia deixaram de
ser tratados com a pureza e o esmero próprio dos
que dominam a forma para melhor veicularem sua
sensibilidade poética.

Domingos Carvalho da Silva bem demonstra este
seu fascínio pela fantasia, ao escrever:

***Nasceu da terra. Seu corpo,
feito do limo das grutas,
surgiu cavalgando um rio
por uma estrada de luas.***

***Através de ondas agrestes
de um oceano vegetal,
de onde acenavam aos olhos
ilhas de manacás,***

***alcançou o colo das praias
que a mão lasciva do mar
aperta, despe e mergulha
em seu aroma de sal”.***

Que é um corpo feito do “limo das grutas” ou que
“cavalgar um rio” por “uma estrada de luar”?

Em 1965, com o pseudônimo de “Cacambo”,
concorri a um torneio de poesias, intitulado “1º Jogos
Florais Luso-brasileiros”. Ganhamos, Domingos e
eu, o prêmio, embora nunca o tenhamos recebido
(uma viagem a Portugal). Tendo concorrido com o
poema “Marabá”, aventurei-me por imagens, sem o
brilho de Domingos, nesta linha do sideral, dos
caminhos estelares, das rotas cósmicas do espaço
vazio e do irreal. Domingos valoriza cada imagem,
cada palavra, cada ideia. Impacta, com a colheita
que faz da grandiosidade dos corpos astrais ou dos

biológicos elementos terrenos, o seu lirismo transbordante do pequeno para o majestoso e cria metáforas comoventes como aquelas a que me referi ou como esta: “a mão lasciva do mar aperta, despe e mergulha em seu aroma de sal”.

O mar não tem mãos lascivas? Os corpos que ele acaricia por vezes não sentem tal sensação? Talvez nunca tenhamos percebido que o mar tem mãos lascivas e Domingos descortina tal verdade. E que é o aroma do sal? Que perfume tem o oceano? cheiro forte de vida ou odor que aproxima da morte?

É tentação para a vida, mas caminho certo de morte, e Domingos, quando o retrata, fala do corpo da amada levado para as ilhas sem fim. E canta o seu canto assim, dizendo ter para sempre “a morte dentro de mim”.

E quando grita:

**Cavalos já foram pombos
de asas de nuvem. Um rio
banhava o rosto da aurora.
Cavalos já foram pombos
na madrugada do outrora.**

**Onde há florestas havia
golfos oblongos por onde
tranquilos peixes corriam.
Uma lua alvissareira
passava à noite. E deixava
reticências de cometa
vagalumiando na relva
das margens, até à aurora
da Idade de Ouro do outrora,
quando cavalos alados
tinham estrelas nas crinas,
alvas como asas de pombo.**

Não dá um tom épico ao passado? Cavalos já foram pombos? Cavalos alados, como nos contos da infância, que correm espaços sem fim, que pulam cercas e mundos, são assim os seus cavalos, os cavalos do Domingos. Este toque transcendente, imaterial, transespacial e transtemporal descortina a poesia de Domingos nas terras da fantasia e mostra o quanto a forma dominada faz mais lindo o instante poético.

Inspirado em Domingos, meu saudoso confrade da Academia Paulista de Letras, escrevi:

**Cavalos cavalgam nuvens,
Cavalgam nuvens d’antanho,
Nuvens d’antanho despertam**

**Cavalgadas sem tamanho.
Cavalos cavalgam sombras,
Cavalgam sombras sem fim,
Sombras sem fim descortinam
Cavaleiros no jardim.**

**Cavalos cavalgam mares,
Cavalgam mares redondos,
Mares redondos desvendam
Cavalos que foram pombos.**

**Cavalos cavalgam campos.
Cavalgam campos e montes.
Campos e montes despencam,
Cavalos cavalgam fontes.**

**Cavalos cavalgam tempos,
Cavalgam tempos de fada,
Tempos de fada descobrem
Cavalos na madrugada,**

**Cavalos cavalgam noites,
Cavalgam noites de espaço,
Noites de espaço despontam
Cavalos mordendo o passo.**

**Cavalos cavalgam sempre,
Cavalgam sempre sem rito,
Gerando, seus cavaleiros,
Cavalgadas no infinito.**

(Intemporal Espaço, pgs. 73/4).

E Geraldo Vidigal, quando escreve?

**Entre brilhos de lanternas
E fantasmas de montanhas,
A luz da Estrela Polar.**

**Vultos, em rondas estranhas,
Cercam soturnas cavernas,
Onde reza, envolta em bruma,
A alma contrita do mar.**

**Sobre os destroços das ondas,
Como um soluço de naufrago,
Esparso em bolhas de espuma,
Meu delírio de te amar.**

As montanhas têm fantasmas? E a “estrela Polar” pode iluminá-las? E quais são os vultos que cercam as soturnas cavernas, onde as águas do mar penetram, revelando a própria alma? São os versos do Geraldo? São eles que descortinam a alma contrita do mar? São eles que desvendam os fantasmas das montanhas? São eles que alcançam a própria Estrela Polar? Como é a alma do Mar? É alma que tem destroços? Pois é o mar feito de ondas e as ondas sempre destroçam. E ondas que se destroçam encontram soluços de naufragos? E as bolhas das espumas? Onde ficam as bolhas das espumas, se as ondas que se destroçam têm os soluços dos naufragos? Assim flui o poema de Geraldo. É o poema fascinante, extasiante, abrangedor, que penetra todas as fibras de sua alma de poeta. Seus versos têm estes ares marítimos e celestes, montanhosos e misteriosos, porque é a sua forma delirante de amar.

Pérgicles não fica atrás. Percorre a mesma estrada dos astros e oceanos, de flores e escunas:

***Última Thule, escuna murmurante, ó lua extrema
salvação!***

***Veleiro de esperança para naufragos soturnos,
bem sei, navegas pela crista do horizonte,
a quilha nas espumas, gávea iluminada, proa
redentora,***

Última Thule, rosa branca sobre as ondas...

Navegas ...

***Porém eu, à beira-mar, nas ilhas do repouso,
- vergéis tranquilos pela areia desatados -
colhendo luas quando colho rosas,
aguardo sem receio, ao som de águas e frondes,
que num rolar de mundos finde a lei que me
envolveu.***

***Não reconheço auroras,
não me inquietam vendavais,
nem penso, amargo, no rebanho de meus dias:
altivo, ó lua, és para mim
somente a rosa branca,***

***a rosa a que no altar sagrei minha existência;
e enquanto espero o instante da certeza,
sinto que posso oferecer-te as horas que me
restam,
como se erguesse para as nuvens pétalas sem
mancha...***

Não tem, no seu pensar poético, a mesma preocupação das imagens grandiosas dos corpos siderais, dos elementos monumentais que formam a crosta planetária?

A escuna murmurante é a lua, um verdadeiro veleiro, que lança esperança. Que espécie de esperança podem ter naufragos soturnos? Os naufragos têm-na sempre, porque desejam encontrar a salvação um dia. Não há, pois, contradição entre o naufrago soturno e o esperançoso, e o veleiro que vem para salvá-lo desde a crista do horizonte. O que importa é a imagem. O horizonte não é apenas uma linha. Ele tem uma crista. Ele está lá no fim do encontro entre o céu e a terra. Ele une o céu à terra e nesta união desenha a própria linha, que ganha a dimensão da ilusão que o termo propicia. O horizonte faz a crista e é a crista que se vê na esperança.

E o poeta ultrapassa tais barreiras, sem nenhuma aurora, sem temer vendavais, sem se aprisionar aos pensamentos, que são o rebanho de seus dias, e vê na lua, que é uma amazona dos espaços siderais, a sua rosa branca.

É esta rosa que ele sagra nos seus sonhos, no tempo que lhe resta, pois que todos somos condenados à morte, como pétalas sem mancha, na ilusão sem limites deste mundo.

Como se percebe, qualquer que seja o poema dos três magníficos pioneiros do Movimento de 1945, os pontos comuns têm a variedade da unidade, a essência da diversidade, a integração do tema universal à individualidade que os torna, cada um, modelo vivo de poesia moderna redimida por uma forma construtiva.

Poderia escrever, indefinidamente, sobre os versos de cada um dos 3 poetas ou de outros excelentes representantes do Movimento. Prefiro, todavia, encerrar este estudo com mais uma perfunctória excursão para o poema épico, patriótico, que marca a obra dos 3 inspirados talentos da geração de 1945.

Sobre Geraldo não quero falar de sua experiência durante a 2ª. guerra mundial. Basta ler, sem comentar, este exemplo de realismo, de profundidade, de humanismo e de heróica devoção dos soldados, que são aqueles que terminam pagando pela insensatez dos governantes. A guerra, como dizia Clausewitz, não é apenas o começo de um tempo em que a diplomacia termina. Mais do que isto, é a própria consagração do irracional. Os guerreiros são autômatos executando o “rito do absurdo”, com que homenageiam, sem vontade, a embriaguez dos

poderosos. O lirismo filosófico e o transcendental
densidade percebe-se nesta poesia de Geraldo:

**Cem homens heterogêneos
Erguem fuzis contra a noite
E o silêncio hostil da noite
Enfrentam, sem vacilar.**

**Cem fantasmas solidários,
Cada qual com sua história;
Um que luta pela vida
E um que luta pela morte.
Um que luta pela Pátria
E um que luta pela glória.
Um que luta pelo filho,
Um que luta pela noiva,
Um que luta pelo mundo,
Um que luta por vingança
Um que luta por lutar.**

**Cem homens numa trincheira,
Cada qual com sua guerra.
Cem homens de braços dados,
Cada qual com seu mistério.
Cem homens dentro da noite,
- Cada qual com sua noite
Sem luar.**

É, todavia, em Tietê, que este patriotismo espe-
rançoso, repleto de amor à terra, à gente e ao símbolo
dos paulistas é realçado por Geraldo ao escrever:

**Se eu tivesse que ser um rio
- Então eu queria ser
Como você, Tietê:
Nascer em terra paulista,
Viver em terra paulista,
Cantar em terra paulista
Desde o berço e até morrer.**

**Nós dois como bandeirantes, Tietê:
Mas você é tão mais velho do que eu,
Que teve a felicidade
De beijar minha cidade
No dia em que ela nasceu:
Você carregou pirogas,
Matou sede de Anchieta,
Batizou a mamelucos,
Inspirou Fernão Dias Leme
- E soube do Rio das Mortes
No dia em que aconteceu.**

**Ah, Tietê
Estes apitos de fábrica,
Estes apitos de trem.
Este coro de ruídos citadinos
Me embalaram no meu berço:
Mas, muito antes, saudaram você, também.
E os cafezais que eu conheço.
Quando estavam na semente,
Beberam na terra roxa
Essa viva seiva bandeirante
Que vem de você, Tietê.**

Nós somos, em verdade, todos, novos Tietês da
gente Bandeirante. Nossos horizontes são o
universo de nosso rio, que, hoje, nos leva, como no
passado, às dimensões continentais de nossa terra.
O Brasil é fruto de portugueses e paulistas e o Tietê
foi o caminho que a gente do planalto encontrou para
oferendar o presente dos presentes à nação
brasileira. Todos os cidadãos nascidos além das
Tordesilhas devem gratidão ao povo de São Paulo e
ao Tietê, que Geraldo Vidigal exalta, com o amor
poético de quem tem o orgulho indomável e
insuperável de ser paulista. Sou paulista e por isto
amo o Tietê. O meu Tietê. O Tietê de todos nós. Do
passado e do presente. O Tietê dos bandeirantes.
O nosso Tietê. E Domingos tem ares de descortino,
quando canta:

**Campos de flores da Moldávia!
Olivais de Andaluzia!
A vida - mar de sargaços -
João de Deus, que é feito dela?**

**Onde está o condor dos Andes,
dono de cem eldorados?**

**Singrando o mar, sobre as vagas,
há três barquinhos à vela.**

**Tremei, ó bravos aztecas,
que há três barquinhos à vela.**

**Ó virgens maias, fugi,
que há três barquinhos à vela.**

**Ó ilhas de Guanahani,
os montes Rochosos tremem!**

**Pudera! Que quer Colombo
com três barquinhos à vela?**

A epopeia de Colombo com três barquinhos à vela. Conquista um continente com três barquinhos à vela. Descobre um mundo de povos com três barquinhos à vela. E todos temem. Colombo com três barquinhos à vela. O contraste marca o verso. A missão é desproporcional ao tamanho dessa frota. Santa Maria, Pinta e Niña são os três barquinhos, que ganham dimensões fantásticas nas palavras de Domingos.

Péricles, quando de um poema de Simônides de Ceos, escreve sobre as filhas dos corcéis dos pés de tempestade:

***Rilhando os dentes, mordendo
os freios espumejantes,
o olhar de chispas selvagens
iluminando as montanhas,***

***trotai, ó vós, implacáveis
em vossa tranqüilidade
de antropófagas e amantes;
serenas, mas demoníacas;
sangrai as patas marinhas,
cascos de vento, relinchos
partindo um mundo que cai
(galopes de há dois mil anos)
como um teto de cristal.***

***Nem ar, mas sois mais presentes
do que este céu que desaba;
mais presentes, ó sagradas,
do que esta vida sem nexos;***

***mais presentes, mais presentes,
(nem ar!) do que estes fragmentos
que nos ferem que nos cortam
como lâminas abertas.***

Suaves éguas, trotai!

Os versos lembram a linguagem de Antônio Nobre, quando falava sobre as raparigas que passavam a distância e traziam a lembrança dos tempos pretéritos. A beleza das imagens e a lembrança heroica dos tempos das lendas gregas inspiram os versos melódicos, com a grandeza de uma cavalgada das Walkírias, em que as éguas são tranqüilas e implacáveis, antropófagas e amantes, serenas e demoníacas. Que têm as patas marinhas, que têm os cascos de ventos e relinchos que estilham os cristais. Quanta lembrança! Quanta

saudade! E o tempo dos gregos faz-se presente, hoje e sempre.

Quanto mais me debruço sobre a obra desses gigantes, que, com outros, construíram o Movimento de 1945, tanto mais me encanto com sua inspiração. É inesgotável, nos 3, a riqueza dos contrastes, o controle absoluto da expressão poética, a certeza de que, na redescoberta dos valores externos, está a essência da poesia. Nada melhor, portanto, do que homenagear, como homenageio, o Movimento de 45, escrevendo, com as limitações próprias de um modesto advogado e verzejador, sobre as figuras de Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Geraldo de Camargo Vidigal. Que a semente de suas obras continue a gerar frutos, como de semeador que semeia em terra boa. Que do ventre desta terra saia encanto e gratidão. E termino, como Vieira, no Sermão da Sexagésima, lembrando a parábola evangélica. A obra da geração de 45 "Fecit fructum centumplum".

(Footnotes)

¹ Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O ESTADO DE SÃO PAULO, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Superior de Guerra - ESG e da Magistratura do Tribunal Regional Federal. 1ª Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martín de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doctor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs-Paraná e Rio Grande do Sul e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO/SP.

email: igm@gandramartlins.adv.br

